



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA**

DIEGO BARRETO DE MIRANDA

ACERCA DA MORTE NA FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

**CAMPINA GRANDE
2019**

DIEGO BARRETO DE MIRANDA

ACERCA DA MORTE NA FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do Grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Julio Cesar Kesting

CAMPINA GRANDE

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M672a Miranda, Diego Barreto de.
Acerca da morte na filosofia de Arthur Schopenhauer
[manuscrito] / Diego Barreto de Miranda. - 2019.
22 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Julio Cesar Kesting ,
Departamento de Filosofia - CEDUC."
1. Schopenhauer. 2. Filosofia. 3. Vontade. I. Título
21. ed. CDD 193

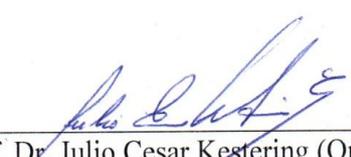
DIEGO BARRETO DE MIRANDA

ACERCA DA MORTE NA FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

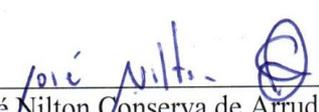
Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do Grau de Licenciatura em Filosofia.

Aprovado em: 02/05/2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Julio Cesar Kesting (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Marianne Sousa Barbosa (Examinadora)
Universidade Federal de Campina Grande - PB (UFCG)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS DA FILOSOFIA DE SCHOPENHAUER.....	8
O MUNDO COMO REPRESENTAÇÃO.....	11
O MUNDO COMO VONTADE.....	14
O CONCEITO DE MORTE E SUA RELAÇÃO COM O INDESTRUTÍVEL SER-EM-SI.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	22

RESUMO

O objetivo de nossa pesquisa é apresentar o conceito schopenhaueriano sobre a morte e a relação existente entre a aniquilação completa do corpo físico e o indestrutível ser em si como vontade. Os textos utilizados para a realização desse trabalho foram a obra máxima do autor, cujo título é *O mundo como vontade e como representação*, publicada em 1818, com data de 1819 e a *Metafísica da morte* que faz parte de um conjunto de suplementos publicados em 1844, sendo estes desenvolvimentos de temas já abordados em sua obra máxima. O mundo a nos cercar é, por um lado, representação, por outro, vontade. A vontade é uma força inconsciente e instintiva que rege tudo e que nós não chegamos a conhecer; por outro lado, a representação, válida a partir das formas do tempo, espaço e causalidade e que residem *a priori* no nosso entendimento, pressupondo a relação sujeito-objeto. Segundo Schopenhauer, não devemos concluir que com a morte do corpo físico aconteceria a aniquilação completa da essência vivificante; com relação ao todo da natureza, a morte e a vida do indivíduo são indiferentes, pois não exclui-se nada do ventre da grande mãe.

Palavras-chave: Schopenhauer; Filosofia; Morte.

ABSTRACT

The purpose of our research is to present the Schopenhauerian concept of death and the relation between the complete annihilation of the physical body and the indestructible being itself as will. The texts used to carry out this work were the author's maximum work, whose title is *The World as Will and Representation*, published in 1818, dated 1819 and the *Metaphysics of Death*, which is part of a set of supplements published in 1844, being these developments of themes already covered in his maximum work. The world to surround us is, on the one hand, representation, on the other, will. The will is an unconscious and instinctive force that rules everything and that we do not get to know; on the other hand, the representation, valid from the forms of time, space and causality and which reside *a priori* in our understanding, presupposing the subject-object relationship. According to Schopenhauer, we should not conclude that with the death of the physical body the complete annihilation of the vivifying essence would take place; with regard to the whole of nature, death and the life of the individual are indifferent, for nothing is excluded from the womb of the great mother.

Keywords: Schopenhauer; Philosophy; Death.

INTRODUÇÃO

Na história do pensamento filosófico ocidental podemos constatar dentre várias doutrinas, pelo menos duas linhas bem definidas de pensamento sobre o tema da morte: a primeira admite a imortalidade da alma, a segunda vê a morte como o fim absoluto da existência.

Para os defensores da imortalidade da alma, a morte é o que Platão chama de “separação entre a alma e o corpo”.¹ Com essa separação de fato, inicia-se um novo ciclo de vida da alma, sendo ela entendida como incorpórea. Plotino expressa essa concepção dizendo: “se a vida e a alma existem depois da morte então a morte é um bem para a alma porque esta exerce melhor sua atividade sem o corpo”.² Com isso conclui-se que se com a morte a alma passa a fazer parte da alma universal, que mal pode haver para ela? Idêntico conceito reaparece sempre que se considera a vida do homem sobre a terra como preparação ou aproximação de uma vida diferente ou quando é afirmada a imortalidade impessoal da vida.³

Em seu sentido filosófico, a morte sempre foi entendida como o desaparecimento ou cessação da existência humana; mas ela também, sempre esteve atrelada ao sentido da vida. Neste sentido, para Platão: “filosofar é aprender a morrer e a imortalidade da alma é um belo risco a ser corrido”.⁴ Para Epicuro, por sua vez, “quando nós estamos, a morte não está; quando a morte está, nós não estamos”.⁵

A morte pode ser entendida como falecimento, como fato natural ou como autocontrole da natureza. No primeiro sentido que nos remete a ciência da medicina, numa definição clínica do conceito, morte cerebral por exemplo, diz respeito a um conjunto de dados clínicos e eletroencefalográficos que podem indicar lesão cerebral irreversível. No segundo sentido, a morte, como fato natural está exemplificada nos casos de morte por velhice. No terceiro sentido, a morte como autocontrole, diz respeito a questão de entender a morte dos indivíduos como uma maneira de evitar a superlotação do habitat onde vivem garantindo assim a sobrevivência da espécie. Assim, Marco Aurélio falava da igualdade dos homens perante a morte: "Alexandre da Macedônia e seu arrieiro, mortos, reduziram-se à

¹ PLATÃO, Fé.d., 64c.

² PLOTINO, Enn., I, 7, 3.

³ Como será o caso próprio da filosofia de Arthur Schopenhauer quando aborda a questão da morte, como veremos com mais detalhes no decorrer de nossa pesquisa. Schopenhauer compara morte, assim, como ao pôr-do-sol que representa ao mesmo tempo o nascer do sol em outro lugar. (Cf. SCHOPENHAUER, 2005, p 65).

⁴ JAPIASSÚ E MARCONDES, 1996, p. 194.

⁵ EPICURO, Dióg., L, 125.

mesma coisa: ou ambos são reabsorvidos nas razões seminais do mundo ou ambos são dispersos entre os átomos".⁶ Nesse mesmo sentido dizia Shakespeare: "Alexandre morreu, Alexandre foi sepultado, Alexandre voltou ao pó. O pó é terra, e com a terra se faz argila; por que à argila em que ele se transformou não poderia vir a ser a tampa de um barril de cerveja?".⁷ Em todos esses casos pensamos a morte como falecimento não só do humano, mas de qualquer ser vivo.

Entre os contemporâneos Wittgenstein disse acerca da morte o seguinte: "a morte não é um acontecimento da vida: não se vive a morte".⁸ E Sartre ressaltou a insignificância da morte: "a morte é um puro fato, como o nascimento; chega-nos de fora e nos transforma em lado de fora puro. No fundo, não se distingue em absoluto do nascimento, e é tal identidade entre nascimento e morte que denominamos de facticidade".⁹

A morte como possibilidade existencial é o fim do ciclo de vida; isso foi expresso de várias formas no decorrer da história pelos filósofos. Marco Aurélio, considerava-a como repouso ou cessação das preocupações da vida, conceito que ocorre frequentemente nas considerações da sabedoria popular em torno da morte. Marco Aurélio dizia: "na morte está o repouso dos contragolpes dos sentidos, dos movimentos impulsivos que nos arrastam para cá e para lá como marionetes, das divagações de nossos raciocínios, dos cuidados que devemos ter para com o corpo".¹⁰

O conceito bíblico de morte como pena do pecado original é ao mesmo tempo, conceito dela como conclusão do ciclo da vida humana perfeita em Adão e o conceito de limitação fundamental imposta à vida humana a partir do pecado de Adão. Tomás de Aquino diz a respeito: "A morte, a doença e qualquer defeito físico decorrem de um defeito na sujeição do corpo à alma. E assim como a rebelião do apetite carnal contra o espírito é a pena pelo pecado dos primeiros pais, também o são a morte e todos os outros defeitos físicos".¹¹

A morte enquanto possibilidade existencial não é um acontecimento particular que se situa no início ou término da vida do homem, mas uma possibilidade sempre presente na vida humana.

⁶ MARCO AURÉLIO, Recordações, VI, 24.

⁷ SHAKESPEARE, Hamlet, a. V. cena I.

⁸ WITTGENSTEIN, Tractatus, 6.4311.

⁹ SARTRE, 2001, p. 668.

¹⁰ MARCO AURÉLIO, Recordações, VI, 28.

¹¹ TOMAS DE AQUINO, S. Th. II, 2, q. 164, a. 1.

Na filosofia moderna, Dilthey caracteriza a morte com essas palavras: "A relação que caracteriza de modo mais profundo e geral o sentido de nosso ser é a relação entre vida e morte porque a limitação da nossa existência pela morte é decisiva para a compreensão e avaliação da vida".¹² A importância da compreensão diltheyliana está na ideia de que a morte constitui uma ideia *da existência*, não como término dela, mas como condição que acompanha todos os seus momentos.

Na modernidade, o que importa para Hegel, ao falar sobre a morte, "é a persistência não de indivíduos, mas das estruturas interpessoais de Espírito objetivo e absoluto, para as quais os indivíduos são sua contribuição e depois morrem, quando nada mais têm a oferecer".¹³

Pascal reconhece que estamos "todos condenados à morte", pois somos seres frágeis; mas somos os únicos seres, a saber, que morremos; nossa dignidade consiste em pensarmos a morte e a salvação¹⁴. Kant faz da imortalidade da alma um dos postulados indemonstráveis da razão prática (os dois outros são a existência de Deus e a liberdade). Ainda nas palavras de Kant: "a morte, ninguém pode experimentá-la em si mesma (pois experimentá-la é da alçada da vida), só é possível percebê-la nos outros".¹⁵

Na filosofia existencial de Heidegger, a morte é o sinal da finitude e da individualidade humana que o homem precisa assumir para escapar da alienação de si e da banalidade do cotidiano: A morte "desvela a possibilidade mais própria, irremissível, certa e, como tal, indeterminada e insuperável"¹⁶. Contudo, a limitação de nossa existência pela morte é sempre decisiva para nossa compreensão e nossa apresentação da vida. Assim, este fim que designamos pela morte não significa, para a realidade humana (*Dasein*), um "ser-terminado", mas um ser para o fim, que é o ser desse existente. O reconhecimento da morte, portanto, "possibilita as possibilidades, fá-las aparecer verdadeiramente como tais, pondo-as assim na posse do *Dasein*, que não se agarra a nenhuma delas de maneira definitiva, mas as insere no contexto sempre aberto do próprio projecto da existência".¹⁷

¹² DILTHEY apud ABBAGNANO, 2014, p. 784.

¹³ INWOOD, 1997, p. 230.

¹⁴ PASCAL apud ABBAGNANO, 2014, p. 796.

¹⁵ KANT apud ABBAGNANO, 2014, p. 796.

¹⁶ HEIDEGGER, 2015, p. 335.

¹⁷ VATTIMO, 1989, p. 52.

Nas obras *O mundo como vontade e como representação* (1819) e *Metafísica da morte* (1844) Arthur Schopenhauer apresenta, em detalhes, sua concepção filosófica acerca da morte. Para o sujeito, ela seria o momento em que a consciência desaparece, na medida em que cessa a atividade do cérebro. O filósofo tenta resolver a questão se o ser em si pode ou não ser atingido com a morte orgânica do corpo. Aqui aparece a essência do seu pensamento sobre a aniquilação da existência orgânica, onde o autor afirma que o ser em si seria uma vontade irracional a qual não controlamos e que não pode ser atingido com a morte do corpo físico. Portanto, nesse caso a morte concerne apenas à consciência; pois a força inconsciente que antes atuava no corpo permanece intocável.

Mas antes de aprofundarmos estas questões próprias presentes na concepção filosófica acerca da morte de Arthur Schopenhauer, gostaríamos, primeiramente, de apresentar algumas características particulares da filosofia do pensador alemão. Em seguida, dando prosseguimento a nossa pesquisa, dirigiremos nossa atenção ao tema do mundo como representação, tentando expor de forma clara e evidente o que Schopenhauer entende acerca do mesmo. Depois trabalharemos, resumidamente, o conteúdo do segundo livro que trata da vontade. Logo adiante correlacionaremos os temas da representação e da vontade com a proposta principal da nossa pesquisa, qual seja, elucidar detalhadamente a questão da morte na filosofia de Schopenhauer.

CARACTERÍSTICAS próprias da filosofia de Schopenhauer

Arthur Schopenhauer¹⁸ foi um pensador polêmico. Pouco reconhecido logo no início de sua vida no mundo da filosofia moderna alemã principalmente pelo fato de criticar de forma ferrenha a filosofia universitária. Criticou a ideia de um pensar filosófico que privilegia a razão dentre todas as faculdades humanas, considerando-a como fundamento de todo conhecimento possível.

Schopenhauer foi um crítico ferrenho do pensamento hegeliano. Segundo Hegel, *tudo o que é racional é real, e o que é real é racional*. Portanto, o racionalismo considera que o real é em última análise racional e que a razão é, portanto, capaz de conhecer o real e de chegar à verdade sobre a natureza das coisas. Hegel abre polêmica contra a primazia do

¹⁸ Arthur Schopenhauer nasceu em Danzig, em 1788 e viveu até 1860, quando morreu em Frankfurt am Main. Sua obra máxima é *O mundo como vontade e como representação* na qual expõe a essência de toda sua filosofia.

sentimento. Para ele a infinidade da consciência se manifesta como atividade racional, que se move de uma determinação a outra como necessidade rigorosa, de tal forma que qualquer determinação pode ser deduzida da outra de modo absoluto e *a priori*. É este o conceito de infinidade de consciência (fruto de um movimento dialético histórico) que culmina no espírito absoluto que tem começo (tese), meio (antítese) e fim (síntese), fim esse, que dá origem a uma nova tese de onde se inicia um novo ciclo em busca do espírito absoluto.

Schopenhauer, por sua vez, defendia na sua filosofia que existem outras dimensões do homem que também dizem algo sobre o humano, e que, portanto, devem ser levadas em consideração.

Na Europa dos séculos XVIII e XIX existiu um movimento conhecido como *Sturm und Drang* (tempestade e ímpeto), movimento de grande influência na cultura europeia daquela época, principalmente na Alemanha. Dentre os seguidores desse movimento estiveram Goethe e Schiller na juventude. Para eles, a razão continua sendo o que fora para o iluminismo: uma força humana limitada, capaz de transformar o mundo gradualmente, mas que não é absoluta, nem onipotente, estando, pois, sempre mais ou menos em conflito com o mundo e em luta com a realidade que se destina a transformar.

Schopenhauer, por sua vez, entende que existe uma força denominada *vontade* que a consciência não consegue distinguir e que está por trás de tudo que existe. Portanto, o sentido do infinito para Schopenhauer é metafísico, o infinito é sentimento.

Schopenhauer foi um importante expoente da filosofia ocidental embora seu reconhecimento só tenha se dado cerca de 30 anos depois da publicação de sua obra principal *O mundo como vontade e como representação* (1819). Sua obra possui significativa influência no pensamento de Nietzsche, e também se nota sua influência em Freud. Em relação a Kant ele apresenta a noção de que seria possível conhecer o em si das coisas, essa, se constituindo como vontade. Mas o que significaria isso? Para além daquilo que podemos pensar efetivamente existe um significado mais profundo com relação ao próprio mundo, ele se revelaria a nós não a partir daquilo que nós conseguimos representar, mas por um tipo de ‘algo’ que acontece a nós internamente por meio do corpo. O corpo seria então um tipo de chave de leitura a partir do qual todo o mundo passaria a ser decifrado. Cada fenômeno, cada manifestação seja ela no reino animal, material, vegetal ou humano passa a ser compreendido

como uma forma de objetivação da vontade, ou seja, uma forma de objetivação ou aparecimento ou manifestação dessa essência do mundo que é uma força cega e irracional.

A reflexão filosófica apresentada por Schopenhauer nos traz um tipo de interpretação bastante diferente sobre a própria condição humana. Se para o filósofo nós somos fundamentalmente vontade, e se é essa a nossa essência, se é isso o que nos move, então o paradigma racionalista moderno clássico começa a ser desconstruído, ou seja, o ser humano não é mais (como queriam os racionalistas) um animal racional, autônomo, livre, capaz de decisões arbitradas exclusivamente por sua racionalidade. Na verdade, para Schopenhauer, o movente do homem é a vontade; assim, somos cada vez mais continuamente atravessados por um fluxo inconsciente de desejos, paixões, afetos, sonhos e emoções.

Se fundamentalmente somos segundo o autor estudado, vontade, se a vida é marcada pela dinâmica dos desejos então continuamente estamos ou a buscar e desejar aquilo que não temos, ou estamos tentando efetivamente manter aquilo que conseguimos ou estamos lamentando, aquilo que perdemos de modo que a vida é marcada pelo sofrimento. Mas a decifração do enigma do mundo nos levaria a compreender que sendo todos nós fundamentalmente vontade poderíamos começar a perceber a dor do outro como se fosse cada vez mais próxima da nossa; nesse sentido a transposição do princípio de individuação nos faria progressivamente ir até a experiência da justiça espontânea, até o momento da bondade, e, por fim, à própria experiência da compaixão. A compaixão seria para Schopenhauer o fundamento de toda a moralidade. Não se trata, portanto, de pensar uma moral baseada na racionalidade ou no dever, como gostaria Kant, mas trata-se de perceber que uma melhor compreensão da própria essência do mundo nos levaria a uma experiência de sentir alguma coisa que hoje podemos chamar de solidariedade. Schopenhauer nos destaca a importância fundamental desse sentimento como sendo originariamente aquilo que constitui o fundamento de toda a moralidade.

A característica fundamental do romantismo se constitui nessa polêmica entre o racional e o irracional. Hegel apresenta-nos o mundo romântico na felicidade, na sua perfeita pacificação racional; Schopenhauer apresenta-o a partir de uma visão pessimista irracional, mas ainda assim satisfeito por reconhecer-se nesse contraste. Portanto, a vontade irracional de Schopenhauer é um princípio pessimista, enquanto a razão absoluta de Hegel é um princípio otimista.

A obra magna de Schopenhauer, *O mundo como vontade e como representação*, já antes citada, é composta de quatro livros: o primeiro dedicado a teoria do conhecimento, onde o autor vai falar de seu entendimento do mundo como representação. O segundo dedicado a filosofia da natureza, onde o pensador versa sobre o conceito de vontade. O terceiro trata da metafísica do belo onde o autor mostra um possível caminho para libertar-se da vontade inconsciente que é a razão de todo sofrimento humano. E o quarto e último livro é dedicado à ética. Em seguida concentraremos nossa atenção no primeiro e segundo livros da obra principal de Schopenhauer; desta forma teremos os pressupostos teóricos básicos e necessários para um maior aprofundamento da temática da morte no pensamento filosófico do pensador alemão.

O MUNDO COMO REPRESENTAÇÃO

O sistema filosófico schopenhaueriano possui duas teses centrais: a primeira é o conceito de mundo, este, existindo apenas como representação. O conceito de mundo nesse sentido não está ligado a nenhuma teoria que quer explicar o mundo a partir de uma ideia teológica, científica ou qualquer outra que tenha a pretensão de explicar o mundo a partir de sua origem. O filósofo compreende o conceito de mundo diretamente ligado ao sujeito. O que realmente interessa para Schopenhauer é a forma como o ser humano percebe o mundo. Neste sentido, no início de seu primeiro livro, o filósofo diz: “O mundo é minha representação”.¹⁹ Schopenhauer recorre a uma distinção feita por Kant entre a coisa-em-si ou o númeno e o fenômeno. O que Schopenhauer vai nos dizer em concordância com Kant, é que nós não conhecemos a realidade em si, nós não conhecemos a realidade tal qual ela é; tudo, o que nós conhecemos, do ponto de vista da representação é somente aquilo que nós somos capazes de conhecer, ou seja, representações. Usando um exemplo do próprio Schopenhauer: “nenhum ser humano conhece sol algum, tudo que nós conhecemos é um olho que vê um sol, uma mão que toca uma terra”²⁰. Só conhecemos o que somos capazes de conhecer a partir de nossos sentidos. Tudo que nós conhecemos é o que as nossas percepções, nossas ideias ou nossa mente é capaz de conhecer.

¹⁹ SCHOPENHAUER, 2005, p. 43.

²⁰ SCHOPENHAUER, 2005, p. 43.

A partir do ponto acima exposto surgem algumas questões, quais sejam: Será que nós entendemos o mundo da forma como ele é em si mesmo? Será que nós conhecemos os objetos em si? Há um princípio universal que identifica o mundo com o sujeito?

Schopenhauer descobre pois que a porta de entrada para o mundo se dá a partir da relação do sujeito com o objeto. O filósofo apresenta sua teoria cognitiva que tem como pressuposto a ideia de que: o mundo é sempre objeto em uma relação com o sujeito. O filósofo está interessado em saber o que o mundo é para o sujeito.

Sendo assim, o pensador descobre que o único conhecimento certo que nós temos é com certeza o conhecimento dos nossos sentidos, os quais nos proporcionam um contato com o mundo. Ele reconhece que o mundo existe e que existe algo que faz o papel de mediador entre o sujeito cognitivo e o mundo. Para o autor fica claro que não podemos conhecer nada que esteja além dos nossos sentidos. Tudo que podemos conhecer é aquilo que os nossos sentidos nos permitem conhecer. Então o único conhecimento confiável que podemos ter é sem dúvida o conhecimento dos nossos sentidos.

É certo que nossos sentidos nos colocam em contato com o mundo exterior, mas quando assim o fazem cumprem um papel intermediário entre o sujeito cognoscente e o que desejamos conhecer; mas eles nos impossibilitam uma visão imediata do mundo exterior. Sendo assim nossos sentidos vão nos permitir um contato com o mundo exterior, mas por outro lado, eles nos impedem uma visão direta ou imediata do mundo a nos cercar. Trabalhando com conceitos criados por filósofos do século XVIII e XIX, a física diz: quando o sujeito interage com o objeto ou com aquilo que ele quer conhecer ele altera aquele objeto ou aquilo que ele deseja conhecer. Então, nós não conhecemos o mundo em si, o mundo como ele é ou o númeno, como diria Kant. Tudo o que nós conhecemos é o que nossa mente é capaz de compreender do mundo a partir dos sentidos. Usando um exemplo clássico de Kant, retomado por Schopenhauer: o ser humano só consegue entender as coisas enquadrando-as em intuições como o tempo, o espaço e a causalidade; e quando nós enquadrarmos as coisas do universo nessas intuições nós já alteramos essas coisas. Essa assertiva é válida dentro das formas de todo conhecer humano. Só é possível conhecer qualquer objeto dentro das categorias de tempo, espaço e causalidade. Tais categorias são formas particulares do princípio de razão que só valem para uma classe específica de representações, pressupondo, portanto, a relação sujeito e objeto.

Para Schopenhauer, nem o humano nem o animal são capazes de ter uma visão imediata do mundo ou apreender a coisa em si, ou conhecer o mundo tal qual ele é; mas só o humano possui consciência desse fato.

O humano descobre, com isso, que o pensamento se encontra em um segundo momento da descoberta. Primeiro o sujeito descobre o mundo com a intuição através dos sentidos: então, aquilo que aparece, aparece para uma consciência pensante. Então o mundo a cercá-lo aparece apenas como representação, ou seja, apenas como objeto da representação de que o representa tão somente em relação a quem pensa, ou seja, ele mesmo. Com o poder da razão, o humano (e só ele) é capaz de racionalizar aquilo que lhe chega através dos sentidos. O conceito de representação é usado aqui de forma a indicar a ação conjunta das faculdades sensitivas e racionais, ou seja, é a intuição agindo com a razão que nos possibilita criar conceitos. Quando queremos representar algo que não está presente utilizamos a capacidade de pensar ou raciocinar, ou seja, a razão é a faculdade das representações abstratas. Assim Schopenhauer caracteriza o conceito de representação; e a presentificação ou a capacidade de representar no presente uma coisa que não está presente é efetuada pela razão.

A expressão, *o mundo é* só tem sentido para a consciência que conhece. Então o sujeito toma consciência: “de que o mundo a cercá-lo existe apenas como representação, isto é, tão somente em relação a outrem, aquele que representa, ou seja, ele mesmo.”²¹

Nesse sentido, o sujeito é a condição pressuposta de tudo o que aparece. Ele é aquele que tudo conhece, mas não é conhecido por ninguém. Tudo o que existe, existe para o sujeito, está condicionado ao sujeito.

Então, o mundo como representação possui duas metades: o sujeito e o objeto. Por isso a representação já os pressupõe. “O mundo tal qual o vemos como representação possui duas metades: uma é o objeto cuja forma é tempo e espaço. O outro é o sujeito que não se encontra no tempo nem no espaço”.²²

Schopenhauer vai buscar nos dogmas fundamentais do pensamento védico a compreensão de que a matéria não possui essência alguma independente da percepção mental. Portanto, o sujeito e o objeto só existem um para o outro. A existência de um depende do outro. São metades inseparáveis.

²¹ SCHOPENHAUER, 2005, p.43.

²² SCHOPENHAUER, 2005, p. 46.

Schopenhauer distingue representações intuitivas e representações abstratas. As representações intuitivas são aquelas percebidas através dos sentidos imediatamente e aquelas abstratas são refletidas após terem sido captadas pelos sentidos. As abstratas compõem apenas uma classe das representações, ou seja, os conceitos, que são de propriedade exclusiva do homem e que o distingue dos outros animais.

O MUNDO COMO VONTADE

Schopenhauer entende, primeiramente, o mundo como representação, ou seja, o mundo não é nem sujeito nem objeto, mas sim representação, aquilo que podemos compreender dessa relação entre sujeito e objeto, entendendo esta relação como a forma primitiva de qualquer representação. No entanto toda representação, tudo o que pode ser pensado, conhecido, só pode ser conhecido graças ao princípio de razão que nos permite captar cada representação. O princípio de razão se subdivide em tempo, espaço e causalidade que permitem ao ser humano a compreensão das representações, garantindo, assim, o conhecimento das relações entre sujeito e objeto.

Mas Schopenhauer apresenta o mundo, também como vontade. No interior de cada representação existe sempre a relação entre sujeito e objeto; mas é necessário buscar fora dessa relação a essência do mundo como coisa em si. Neste sentido entendemos a representação como manifestação, fenômeno, objetivação da vontade. A vontade é entendida como coisa em si, ou, como essência. Desta forma a vontade é ontologicamente anterior a representação já que a representação nada mais é que sua objetivação, sendo, portanto, a vontade, primordial, fundamental, enquanto a representação é secundária.

A vontade possui várias propriedades, sendo a mais importante aquela de sua unicidade, em sua identidade. A vontade é o núcleo de cada coisa particular do conjunto dos entes. O mais interessante é que essa substância indivisível está sempre em luta por uma manifestação no mundo fenomênico, ou seja, em luta por sua aparição. Apesar desta aparição parecer paradoxal ela não o é, já que a vontade vive em luta consigo mesma por um espaço na matéria, por sua expansão no mundo fenomênico, por sua multiplicação nos mais variados reinos da natureza, desde a matéria inorgânica até seu grau mais elevado no ser humano.

Além disso, a vontade é eterna necessidade sentida nos indivíduos como uma negação da liberdade em virtude da afirmação da necessidade. A vontade enquanto essência que rege nosso mundo submete todos os indivíduos a roda de desejos que nunca cessa, fazendo com que os indivíduos só busquem a satisfação de suas necessidades. Por isso mesmo, é que a vontade traz consigo a dor originária pela aparição, marcando com sofrimento toda forma de vida produzida por ela. Nas palavras de Schopenhauer: “O sujeito do querer, conseqüentemente, está sempre atado a roda de Íxion que não cessa de girar, está sempre enchendo os tonéis de Danaides, é o eternamente sedento Tântalo”.²³ Mas além do pessimismo latente desta filosofia, o filósofo oferecerá em sua metafísica do belo, um caminho de saída: a arte será para Schopenhauer o único caminho possível, ainda que temporário, de alívio de suspensão desse eterno aprisionamento na dor.

A fruição do belo, o consolo proporcionado pela arte, o entusiasmo do artista que faz esquecer a penúria da vida, essa vantagem do gênio em face de todos os outros homens, única que o compensa pelo sofrimento que cresce na proporção de sua clarividência e pela erma solidão em meio a uma multidão humana tão heterogênea, tudo isso se deve [...] ao fato de que o Em-si da vida, a Vontade, a existência mesma, é um sofrimento contínuo, e em parte lamentável, em parte terrível; o qual, todavia, se intuído pura e exclusivamente como representação, ou repetido pela arte, livre de tormentos, apresenta-nos um teatro pleno de significado. (SCHOPENHAUER, 2005, p. 349-350).

Schopenhauer nos ensina que tudo que nós conhecemos parte unicamente do sujeito; assim nós vivemos no mundo das representações. Mas, todas as representações humanas têm um fundamento, tem uma origem, algo que explica tudo, algo inconsciente. Schopenhauer é um dos precursores da ideia do inconsciente. Segundo o filósofo existe algo inconsciente que rege nossa vida, existe algo em nós que nós não conhecemos, e esse algo é justamente a vontade.

A verdade em si está encoberta pelo que os orientais chamaram de véu de maia. Schopenhauer está dizendo: sempre que nós agimos, sempre que nós pensamos, nós achamos que somos nós que estamos controlando as nossas ideias, nossas ações, nossos pensamentos. Mas existe algo que nos move, algo que fundamenta nossas ideias. A vontade faz com que pensemos o que pensamos, ela faz fazermos o que fazemos. *A vontade é um cego forte que carrega um aleijado que enxerga.* A nossa consciência é esse aleijado; o gigante cego é a vontade.

²³ SCHOPENHAUER, 2005, p. 266.

Muitas vezes nos parece que estamos fazendo algo que nossa consciência não quer fazer, mas mesmo assim fazemos. Neste momento a vontade está nos dominando, ela está nos guiando. Segundo Schopenhauer, nós fazemos coisas terríveis para nós mesmos, mas que são boas para a espécie. A natureza é terrível para o indivíduo e ótima para a espécie. Neste sentido *seríamos como o salmão que sobe o rio e mata-se a si mesmo para se reproduzir*.

Para Schopenhauer o casamento é o martírio da reprodução. Nós estamos nos martirizando pelo bem da espécie. Ou seja, nós estamos sendo guiados por uma vontade inconsciente, irracional, desprovida de fundamentos. E essa vontade nos guia. Nós estamos sempre buscando satisfazer essa vontade. A satisfação da vontade é como a esmola que damos a um mendigo; ele é satisfeito naquele momento, mas aquela esmola não o tira da sua condição de mendigo. Assim é a felicidade para o ser humano. Ela dura só um instante, que é justamente o instante em que é satisfeita aquela vontade. Mas nunca seremos plenamente satisfeitos.

A vontade, segundo Schopenhauer, é o único elemento permanente e invariável, aquele que lhe dá coerência e unidade, e que constitui também a essência do homem. A vontade seria o princípio fundamental da natureza, independente da representação, não se submetendo as leis da razão. Schopenhauer afirma que o real é em si mesmo cego e irracional, enquanto vontade. As formas racionais da consciência não passam de aparências e a essência de todas as coisas seria alheia a razão.

O inconsciente apresenta assim, um papel fundamental na filosofia de Schopenhauer. A vontade é acima de tudo uma vontade de viver, e de viver na máxima plenitude. Ela triunfa também sobre a morte graças a estratégia da reprodução, que a torna imperecível. Por isso o instinto de reprodução é o mais forte de todos os instintos. A atração sexual é determinada por motivos estranhos ao indivíduo e tem em vista, apenas, assegurar a perpetuação da espécie, nas melhores condições possíveis.

Se o mundo é essencialmente vontade, não pode deixar de ser um mundo de sofrimento. Vontade no sentido dado por Schopenhauer é necessidade, e assim como ela, ele é imperecível. A aparente satisfação da vontade conduz ao tédio. A satisfação de um desejo é apenas a ponte para um novo desejo que nunca será plenamente saciado.

O conhecimento não nos permite triunfar sobre a dor, muito pelo contrário, desenvolve a capacidade de senti-lo, aumentando a sensibilidade. O suicídio também não seria a solução,

porque a vontade subsistiria sob outra forma na espécie. A destruição voluntária de uma só existência é um ato inútil e estúpido porque a coisa em si - a espécie, a vida e a vontade em geral – não seria afetada. A solução do problema do sofrimento, da dor, está na aniquilação da vontade. Desta forma Schopenhauer se aproxima do ideal budista da resignação.

Tendo, portanto, esclarecido alguns pontos da filosofia de Schopenhauer, partiremos então para as questões que dizem respeito as suas conclusões a respeito da morte e sua relação com a indestrutibilidade do nosso verdadeiro ser em si enquanto vontade.

O CONCEITO DE MORTE E SUA RELAÇÃO COM O INDESTRUTÍVEL SER-EM-SI

Estudamos os conceitos de representação e vontade explorando a visão schopenhaueriana de mundo, para, a partir daí entendermos, agora, como se coloca a questão da morte em sua filosofia.

No início de nossa pesquisa dizíamos que o objetivo de nosso trabalho seria apresentar o conceito schopenhaueriano sobre a morte e a relação existente entre a aniquilação completa do corpo físico e o indestrutível ser-em-si como vontade. Os textos utilizados para a realização desse trabalho foram a obra máxima do autor, cujo título é *O mundo como vontade e como representação*, publicada em 1818, com data de 1819 e a *Metafísica da morte* que faz parte de um conjunto de suplementos publicados em 1844, sendo estes desenvolvimentos de temas já abordados em sua obra máxima. O mundo a nos cercar é por um lado representação, por outro, vontade. A vontade é uma força inconsciente e instintiva que rege tudo e que nós não chegamos a conhecer. Por outro lado, temos a representação, válida a partir das formas de tempo, espaço e causalidade e que residem *a priori* no nosso entendimento, pressupondo a relação sujeito-objeto.

O filósofo diz que a partir da ótica do sujeito a morte se refere apenas ao desaparecer da consciência, no momento em que o cérebro para de funcionar. Schopenhauer, tenta resolver a questão se o ser em si pode ou não ser atingido com a morte orgânica do corpo; mas a morte concerne apenas à consciência. Nas palavras do pensador:

A morte mesma, para o sujeito consiste apenas no momento em que a consciência desaparece, na medida em que cessa a atividade do cérebro. A difusão a todas as outras partes restantes do organismo que se segue a essa parada já é propriamente um evento pós-morte. A morte em termos objetivos concerne, portanto apenas a consciência. Quanto ao que seja o desaparecer desta cada um pode de certo modo julgar a partir do adormecer: melhor o conhecerá, entretanto quem já teve um verdadeiro desmaio no qual a transição não é tão gradual nem intermediada por sonhos, mas primeiro desaparece ainda com plena consciência a capacidade visual e depois imediatamente entra em cena a mais profunda ausência de consciência: a sensação aqui enquanto dura é apenas desagradável e sem dúvida assim como o sonho é irmão, o desmaio é o gêmeo da morte. (SCHOPENHAUER, 2004, p. 69).

Em sua *Metafísica da morte* Schopenhauer afirma inicialmente que dificilmente se teria filosofado sem a morte que é propriamente o gênio inspirador ou a musa da filosofia, neste sentido Sócrates a definiu como “preparação para a morte”.²⁴

Em seu primeiro livro dos quatro que compõem sua obra magna *O mundo como vontade e como representação* Schopenhauer vai prestar um tributo a filosofia kantiana e ao pensamento vedanta quando afirma que o véu de maia só permite conhecermos fenômenos transitórios, não a coisa-em-si, pois o tempo, forma arquetípica da finitude, torna tudo aquilo que nos aparece perecível; tudo seria como um rio (no sentido heraclítico) onde não se pode entrar duas vezes, pois, neste instante já somos outros e as águas já mudaram. É aí que se apresenta a angustiante condição humana de ser para a morte enquanto perecíveis no tempo com o nosso corpo orgânico.

Mas na natureza não há um mal que não traga um bem! Assim, a mesma reflexão que leva a certeza da morte também serve de inspiração ao filosofar. Com a razão surge entre os homens a certeza da morte e a mesma reflexão que faz surgir tal certeza também vai ajudar nas metafísicas consoladoras para a qual estão orientadas as religiões e os sistemas filosóficos que o autor vai chamar de metafísicas consoladoras e que servem como antídoto da certeza da morte. O autor afirma que o temor da morte é independente de todo o conhecimento. O temor da morte é *a priori*; sendo pois, o reverso da vontade de vida que nós somos. O poderoso apego a vida é, portanto, irracional e cego. A vontade em si é destituída de conhecimento e cega. O conhecimento atua contra o temor da morte na medida em que mostra a ausência de valor da mesma. O conhecimento luta contra a vontade cega de vida, que, para Schopenhauer, é o núcleo do nosso próprio ser.

Schopenhauer nos faz pensar sobre o tempo anterior ao nosso nascimento, fazendo uma relação com o tempo em que voltaremos ao não ser (com nossa morte); nesse caso teríamos de pensar com a mesma aflição sobre o não ser antes e depois da morte. Para

²⁴ SCHOPENHAUER, 2004, p. 59.

Schopenhauer: “Se o que faz a morte parecer-nos tão terrível fosse o pensamento do não-ser então teríamos de pensar com calafrio igual no tempo em que ainda não éramos”.²⁵

Nesses termos podemos perguntar: se um tempo infinito fluiu antes do meu nascimento o que eu era durante esse tempo? O filósofo responde em termos metafísicos; “Eu fui sempre eu; em verdade todos aqueles que durante aquele tempo diziam eu, eram eu mesmo”.²⁶

Schopenhauer diz que do ponto de vista do conhecimento parece não haver fundamento algum para temer a morte, pois: “Ter perdido algo cuja falta não pode ser sentida manifestamente não é nenhum mal, portanto o tornar-se não ser não pode tampouco nos incomodar tanto quanto não ter sido”.²⁷

Schopenhauer argumenta que não se pode concluir da morte do corpo físico a aniquilação completa da essência vivificante. Ou seja: não há motivo para concluir que, porque a vida orgânica cessou, por isso também aquela força que até então nela atuava tornou-se nada.

Tanto menos, portanto, pode nos ocorrer de tomar o cessar da vida pela aniquilação do princípio vivificante, logo a morte, pelo inteiro sucumbir do homem. Porque o braço forte, que, a três mil anos, retesou o arco de Odisseu, não mais existe, nenhum entendimento razoável e bem regrado considerará a força, que atuava no mesmo tão energicamente, como totalmente aniquilada, mas também, por conseguinte, não considerará em ulteriores reflexões, que a força que hoje retesa o arco começou a existir com esse braço. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 73-74).

Schopenhauer analisa, em seguida, como, em oposição ao ser individual, se comporta o todo da natureza. Como a natureza se comporta com relação à vida e à morte de cada indivíduo? É possível observarmos como o pensamento oriental está sempre presente em sua filosofia. Schopenhauer recorre a exemplos citando os vedas. Com relação ao todo da natureza, a morte e vida do indivíduo é indiferente, pois nada exclui-se do ventre da grande mãe.

Ora se a grande mãe envia tão sem cuidado seus filhos desprotegidos de encontro aos mil perigos ameaçadores isso só pode ser porque ela sabe que caso eles caiam

²⁵ SCHOPENHAUER, 2004, p. 65.

²⁶ SCHOPENHAUER, 2004, p. 66.

²⁷ SCHOPENHAUER, 2004, p. 68.

recaem em seu ventre onde estão protegidos e por isso a sua queda é apenas uma brincadeira. (SCHOPENHAUER, 2000, p.78).

O autor interpreta a indiferença da natureza com a vida de cada indivíduo no sentido de que a destruição de tal fenômeno não atinge em nada a sua essência verdadeira e própria. Schopenhauer usa uma série de argumentos para justificar sua ideia. O filósofo argumenta que é inconcebível que a vida de uma espécie animal que persiste ao tempo em inúmeras gerações com toda sua beleza e complexidade venha a desaparecer definitivamente e absolutamente, e tornar-se nada no momento de sua morte física.

Se eu matasse um animal, fosse um cão, um pássaro, uma rã, mesmo só um inseto, então é propriamente impensável que esse ser, ou antes a força originária em virtude da qual um fenômeno tão digno de admiração se apresentava um momento antes em sua plena energia e vontade de viver, deva tornar-se nada, mediante minha maldade, ou ato descuidado. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 82).

Schopenhauer está empenhado em consolidar sua filosofia do consolo e compreende que para muitos leitores suas colocações não seriam o suficiente. Então o pensador lança mão de uma ideia materialista quando coloca a seguinte argumentação:

Quem não é capaz de conceber o quanto é quimérico o nada após a morte, pelo menos se console com a imortalidade da matéria. Este se consolida em cristal, brilha como metal, solta faíscas elétricas, transfigura-se em plantas e animais, enfim, nada se perde, tudo se transforma. Essa constância da matéria é um testemunho da indestrutibilidade de nosso verdadeiro ser em si. (SCHOPENHAUER, 2000 p. 17).

No mesmo sentido poderíamos concluir nossas reflexões acerca da morte na filosofia de Schopenhauer com Shakespeare: "Alexandre morreu, Alexandre foi sepultado, Alexandre voltou ao pó. O pó é terra, e com a terra se faz argila; por que argila em que ele se transformou não poderia vir a ser a tampa de um barril de cerveja?"²⁸

²⁸ SCHAKESPERE, a. V, cena I.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho direcionamos nossos esforços no sentido de entender principalmente como se apresenta a questão da morte na filosofia de Schopenhauer, assim como sua relação com a indestrutibilidade do nosso verdadeiro ser em si, que se apresenta como vontade.

Logo de início, na introdução, abordamos a questão da morte na visão de alguns pensadores, (dos antigos, passando pelos modernos até os contemporâneos). Pudemos compreender um pouco mais como se dá esse tema tão antigo sobre a ótica de alguns pensadores no decorrer da história.

Logo em seguida, tiramos um pouco nosso foco de uma visão geral sobre o nosso tema principal, (que é a morte), para que assim pudéssemos entender como Schopenhauer (que é o principal filósofo estudado nesse trabalho) chegou as suas conclusões filosóficas no sentido de entender o mundo. Assim sendo, expomos algumas características próprias da filosofia de Schopenhauer; depois, apresentamos as principais teses schopenhauerianas do primeiro e do segundo livro da obra *O mundo como vontade e como representação*; analisamos, portanto em primeiro lugar, o conceito de representação e depois, o conceito de vontade.

No final do nosso trabalho abordamos o tema da morte na filosofia schopenhaueriana. Tentamos mostrar com clareza como o pensador nos apresenta uma nova forma filosófica de pensar a morte, qual seja, como sendo algo indiferente à espécie e à natureza como um todo.

Schopenhauer, portanto, nos mostra em sua *Metafísica da morte*, que o nosso verdadeiro ser em si enquanto vontade em nada é atingido com a morte orgânica do corpo. Para o pensador, à morte diz respeito unicamente ao desaparecer da consciência, no momento em que cessa a atividade do cérebro; portanto, o que se dá depois do apagar da consciência já é um momento pós morte. Temos uma visão aproximada do que seria a morte segundo o filósofo, jogando a partir do adormecer onde a transição gradual através do sono nos leva a mais profunda ausência de consciência.

Para Schopenhauer não haveria sentido nenhum e seria até mesmo inconcebível que a vida de uma espécie animal que persiste ao tempo em inúmeras gerações com toda sua beleza, energia e complexidade venha a desaparecer definitivamente e absolutamente e tornar-se nada no momento de sua morte física. Então com a morte do sujeito não acaba a existência da vida ou do nosso verdadeiro ser em si que o filósofo chama de vontade.

Durante a vida inteira nos inquietamos com a questão da morte, buscando entender o porquê ou qual o sentido da nossa existência. Por mais que tentemos entender, nossa busca parece vazia, vã, sem êxito. Vemos todos morrerem enquanto aguardamos a nossa vez. A única certeza que temos na vida é de que morreremos um dia.

Schopenhauer afirma ser a morte a *musa da filosofia* sem a qual dificilmente se teria filosofado no mundo. Os mistérios da morte nunca serão desvendados pela racionalidade humana, mas como na natureza não há um mal que não traga um bem, a mesma reflexão que nos faz pensar na morte também nos serve de inspiração ao filosofar.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2015.

INWOOD, M. **Dicionário Hegel**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

JAPIASSÚ H. e MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

SARTRE, J. P. **O Ser e o Nada**. Ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 2001.

SCHOPENHAUER, A. **Metafísica do amor. Metafísica da morte**. São Paulo (SP): Martins Fontes, 2004.

SCHOPENHAUER, A. **O Mundo como vontade e como representação**. – 2ª edição – São Paulo (SP): Editora UNESP, 2005.

VATTIMO, G. **Introdução a Heidegger**. Lisboa: Edições 70, 1989.